



CULTURA E PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO EM TEMPOS DE GLOBALIZAÇÃO

Alice Silva do Prado - Professora da rede privada de ensino e mestranda do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Amazonas (PPGS-UFAM).

E-mail: alices_prado@hotmail.com

Resumo

Este artigo apresenta uma reflexão sobre a educação e a produção de conhecimento praticada na atualidade. Articulando as propostas de teóricos de diferentes áreas das ciências humanas, pretende-se analisar a influência do processo de Globalização sobre a cultura e a produção de saber nas sociedades em geral destacando a necessidade de renovação do conhecimento e das práticas educativas com a finalidade de acompanhar as transformações processadas na sociedade em ritmo cada vez mais intenso.

Palavras-chave: Cultura; Conhecimento; Ciência; Globalização.

Abstract

This article focuses on the education and knowledge production practiced today. Articulating the theoretical proposals of different areas of the humanities, we intend to analyze the influence of the process of globalization on culture and knowledge production in society in general, stressing the need for renewal of knowledge and educational practices in order to monitor the processed transformations in society increasingly intense pace.

Keywords: Culture; Knowledge; Science; Globalization.

Introdução

Eric Hobsbawm em suas reflexões apresentadas no livro intitulado ‘Sobre História’ defende a ideia de que “*o passado continua a ser a ferramenta analítica mais útil para lidar com a mudança constante*” (HOBSBAWM, 1998, p. 30). Partindo desta perspectiva, o presente estudo propõe uma breve análise sobre as contradições na produção do conhecimento científico que se tornaram evidentes nas últimas décadas. Neste espaço de tempo, ocorreram transformações importantes decorrentes principalmente do avanço da Globalização que exerceram influência direta no modo de pensar e de produzir conhecimento das sociedades em geral. Portanto, o resgate histórico deste passado recente é um ponto de partida importante para compreender as mudanças processadas nesse período.

Esse “fenômeno global” aproximou as culturas a partir do investimento constante na melhoria dos meios de comunicação e de transporte e estes, por sua vez, permitem a troca de informações e de mercadorias entre os mais diferentes povos em uma velocidade cada vez mais intensa. Permitiu, também, a formação de novas formas de pensar e de compreender o mundo, ampliando saberes e promovendo o desenvolvimento técnico da ciência.

Porém, tais avanços trouxeram consigo resultados negativos que são apontados como causas importantes de alguns problemas que há tempos afetam a humanidade e que ainda não foram superados.

Para melhor explorar o tema, utilizamos as propostas de teóricos de diferentes áreas do saber valorizando, desde o início, a interdisciplinaridade. Os estudos do teórico francês Edgar Morin são de grande relevância neste trabalho assim como o sociólogo português Boaventura de Sousa Santos, pois estes autores fizeram importantes observações sobre a produção de conhecimento nas últimas décadas. Os estudos do conceituado historiador Eric Hobsbawm são, também, de grande importância, até porque ele próprio defendeu muitos de seus trabalhos, a análise do processo histórico que é fundamental para a identificação e para a compreensão dos problemas atuais. A utilização de alguns conceitos parte da abordagem de outros teóricos não menos destacados como o antropólogo Clifford Geertz (a ideia de cultura) e como o sociólogo Octavio Ianni (conceito de Globalização).

Analisar o contexto atual a partir da abordagem de autores que atuam em diferentes áreas é um desafio, uma vez que a produção de conhecimento atual está

atrelada à fragmentação do saber e fechada em si mesma, levando à formação daquilo que alguns analistas chamam de feudos cognitivos. Esse saber compartimentado e restrito aos muros das escolas e universidades é uma das críticas apresentadas nesse trabalho e uma das dificuldades a serem superadas na atualidade.

Além disso, esse artigo divide-se em três sessões: Globalização e Cultura; Conhecimento, técnica e autodestruição; e por fim, As novas conjunturas e os desafios da educação e da produção de conhecimento no século XXI. No primeiro aspecto, a análise parte da apresentação e da justificativa pela escolha de determinados conceitos aqui utilizados e, da relação entre o avanço do fenômeno da economia global e a cultura dos povos em geral. Ainda sobre esse primeiro tópico, é importante destacar que a palavra Globalização e seu significado implícito tem sido alvo de críticas por parte de algumas áreas das ciências humanas. Uma vez que alguns pesquisadores contemporâneos têm preferido utilizar outras terminologias consideradas por eles como mais específicas. Independentemente das discussões, o fato é que o termo Globalização (cujo significado aqui empregado se refere ao aspecto econômico, político e cultural do processo resultante da mundialização da economia) é aqui utilizado, baseado na proposta do sociólogo Octavio Ianni para justificar o emprego do termo.

No segundo tópico do trabalho, apresentamos uma breve análise sobre a ciência e a produção do conhecimento no século XX. A proposta é promover uma reflexão a respeito da utilização do conhecimento científico para a produção de forças destrutivas que chegaram a ameaçar a própria humanidade, contradizendo os princípios éticos da ciência.

Ao considerar que a Globalização e os avanços tecnológicos resultantes desse processo tornam necessária a criação de um modelo educacional inovador e capaz de acompanhar as transformações constantes da sociedade. Assim, no terceiro e último tópico do trabalho procuramos apresentar a necessidade de mudanças nas formas de produção do saber e dos modelos educacionais frente às novas estruturas socioculturais. As práticas modernas devem contribuir para superar os traumas do passado e para produzir um conhecimento que atenda às demandas do mercado global e que, ao mesmo tempo, promova a auto reflexão do indivíduo e no reconhecimento de si como agente modificador da sociedade.

1. Globalização e Cultura

O termo cultura, embora apresente outros significados na língua portuguesa, está estritamente ligado à ideia de conhecimento, tanto que Edgar Morin já dizia que o *“homem somente se realiza plenamente como ser humano pela cultura e na cultura”* (MORIN, 2000, p.52). O conceito de cultura passou por um longo processo de significação e ressignificação no decorrer dos séculos XIX e XX. Discussões entre diferentes áreas do saber (Antropologia, Sociologia, Etnologia, etc.) tentaram definir, cada uma a sua maneira e de acordo com seus interesses próprios, um significado concreto para o termo.

Nesse artigo, não pretendemos entrar no mérito das discussões teóricas a respeito da epistemologia do termo cultura. Para abordarmos diretamente a questão, tomamos como base o conceito proposto por Clifford Geertz que, no seio das discussões no século XX, apresentou um significado que vai de encontro ao que se pretende abordar nesse trabalho.

De acordo com proposta de Geertz, cultura *“é um contexto, algo dentro do qual eles (os símbolos) podem ser descritos de forma inteligível – isto é, descritos [e interpretados] com densidade”* (GEERTZ, 1973, p. 24). Essa perspectiva a respeito do conceito de cultura aproxima-se da abordagem sociológica proposta por Max Weber. Para este, o indivíduo está inserido em uma complexa rede de símbolos cujos significados estão presentes constantemente em seu cotidiano. Complementando essa perspectiva, Geertz acredita,

como Max Weber, que o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu, assumo a cultura como sendo essas teias e sua análise; portanto, não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa, à procura do significado (Ibdem. p. 15).

Desta forma, compreendendo a cultura enquanto um contexto, podemos perceber o quanto a chamada globalização tem afetado de forma visível as sociedades em geral, principalmente, em se tratando de seus aspectos culturais.

Para esclarecer o que fora dito anteriormente, não cabe a discussão em torno dos diferentes significados do termo Globalização, segundo as mais diferentes áreas das ciências humanas. A proposta aqui apresentada é utilizá-lo para se referir ao que o sociólogo Octavio Ianni conceituou como o processo de mudanças econômicas que *“provoca a desterritorialização e a reterritorialização das coisas, gentes e ideias.*



Promove o redimensionamento de espaços e tempos” (IANNI, 2002, p. 19). Logo, podemos observar que o termo globalização analisado a partir dessa perspectiva aproxima-se da ideia de cultura proposta por Geertz, pois refere-se não apenas à mundialização da economia mas a um processo de mundialização das comunicações, dos transportes e, sobretudo, das ideias.

Desde o século XV, algumas áreas do planeta sofreram com a invasão de outros povos e com a ordem imposta por estes. De acordo com alguns estudiosos, aí teve início o processo de “globalização das ideias” uma vez que os povos das áreas dominadas passaram a incorporar, de forma consciente ou não, os valores culturais oriundos de outras civilizações.

A História nos mostra que a mundialização da economia, enquanto um fenômeno global, tende a alterar profundamente o significado das ações dos indivíduos, bem como sua maneira de compreender o mundo. Esse processo intensificou o que Max Weber chamou de “*desencantamento do mundo e das consciências*” (WEBER, 2004) produzindo, muitas vezes, uma visão de mundo mecânica, ignorando as interpretações míticas e os saberes tradicionais das sociedades.

A partir do contato entre diferentes representações de mundo teve origem uma vasta diversidade cultural que desencadeou uma situação ambígua, ainda que tenha beneficiado as populações no sentido da troca de conhecimento e de ideias, promoveu o que Octavio Ianni chamou de “*desentendimento mútuo*” (IANNI, 1994, p. 151) entre as diferentes sociedades. Dentro dessa lógica, veremos adiante que o conflituoso século XX teria sido o reflexo desse desentendimento provocado pelo choque entre visões de mundo antagônicas e que os primeiros anos do século XXI trouxeram consigo heranças negativas desse período. Para confirmar a ideia de que o fenômeno da globalização traz consigo profundas mudanças – e contradições – para as sociedades (principalmente em seu aspecto cultural), Octavio Ianni enfatiza,

logo que se reconhece (...) a sociedade global (...) uma realidade em processo, que a globalização atinge as coisas, as gentes e as ideias, bem como as sociedades e as nações, as culturas e as civilizações, desde esse momento está posto o problema do contraponto globalização e diversidade, assim como diversidade e desigualdade (Ibdem, 1994, p. 156).

Desde o início desse processo de globalização e apesar dos seus aspectos negativos, a humanidade desenvolveu-se consideravelmente em vários aspectos. Porém,

percebe-se que o conhecimento científico moderno e a educação em geral ainda não estão preparados para lidar com essa multiplicidade de povos e culturas.

Prova disso é que o saber produzido pelas sociedades tradicionais continua sendo deixado em segundo plano e o conhecimento puramente técnico permanece – de forma equivocada – a ser considerada a única forma de saber verdadeira. Boaventura de Sousa Santos, assim como outros teóricos, critica a “invisibilidade” do conhecimento tradicional na atualidade: o *“confronto e o diálogo entre saberes é um confronto e um diálogo entre processos distintivos através dos quais práticas diferentemente ignorantes se transformaram em práticas diferentemente sábias”* (SANTOS, 2006, p. 107).

Por sua vez, Edgar Morin, nos ‘Sete saberes necessários à educação do futuro’, também chama atenção para a necessidade de produzir uma forma de conhecimento que leve à compreensão do mundo, a partir de uma perspectiva de alcance dos seus mais variados aspectos e de valorização das diferentes práticas entre os povos. Porém, *“a educação para a compreensão está ausente do ensino”* (MORIN, 2000, p. 16), o que prejudica o entendimento a respeito das diferenças culturais e impossibilita o desenvolvimento de um conhecimento pleno.

É diante desse cenário herdado de uma conjuntura anterior que o século XXI se inicia, tendo que lidar com uma série de desafios, sobretudo, com relação às formas de produção do saber. No campo da produção de conhecimento, as heranças negativas deixadas por períodos históricos anteriores ainda são visíveis e a cultura e o saber tradicional continuam a ser ignorados no campo da ciência moderna.

Em muitas regiões do globo, cuja população fora oprimida no decorrer de muitos anos pela ordem imposta por países estrangeiros, têm surgido movimentos que defendem a afirmação de uma identidade própria. Além disso, esses movimentos lutam contra as forças externas que tendem a negar a capacidade que estes grupos tradicionais possuem para a produção e para o compartilhamento do conhecimento. É o que tem acontecido com frequência na América Central e do Sul, onde as populações indígenas e as comunidades quilombolas, por exemplo, tentam mostrar que é possível a convivência pacífica entre povos de origens diferentes e que a troca de experiências entre estes tendem a trazer grandes benefícios para a sociedade como um todo, ajudando a romper com as desigualdades sociais e cognitivas.

Em se tratando dessa relação entre injustiça social e acesso ao conhecimento é possível recorrer à Boaventura de Sousa Santos. Segundo ele, *“a luta pela justiça global deve, por isso, ser também uma luta pela justiça cognitiva global. Para ser bem*



sucedida, essa luta exige um novo pensamento, um pensamento pós-abissal” (SANTOS, 2010, p. 40). Ao analisar as diferenças epistemológicas entre os países do Norte e do Sul, é possível apropriar-se desse ponto de vista de Santos uma vez que, se todos são dotados da capacidade de produzir e compartilhar o saber, é importante que se faça justiça para com aqueles que têm sido excluídos do campo científico como é o caso das comunidades indígenas da Amazônia por exemplo.

Edgar Morin também propõe a necessidade de rever a questão do acesso ao conhecimento na atualidade. Nesse contexto, onde as informações se processam e se propagam em uma velocidade intensa graças às inovações tecnológicas de nossa época, a educação funciona como uma arma que prepara as pessoas para os desafios apresentados pela modernidade, em que *“o dever principal da educação é de armar cada um para o combate vital para a lucidez”* (MORIN, 2000, p. 33).

A criação de um modelo educacional que valorize os diferentes saberes e práticas é um apelo que especialistas em educação – e em outras áreas – vem fazendo há muito tempo. Esses especialistas têm, nos últimos anos, refletido a respeito da epistemologia e das práticas vigentes no modelo atual e apontado suas principais dificuldades. Porém, poucas transformações têm sido observadas nesse sentido.

Descaso do poder público, das instituições de ensino, falta de pesquisas mais aprofundadas na área, enfim, uma série de fatores tem sido apontada como causa dessa defasagem do modelo educacional em vigor em muitos países, permanecendo incapaz de corresponder às exigências das novas conjunturas apresentadas pelo século XXI.

Utilizamos, mais uma vez, o argumento de Edgar Morin para sintetizar a necessidade de uma renovação nesse campo: *“a educação deve promover a inteligência geral apta a referir-se ao complexo, ao contexto, de modo multidimensional e dentro da concepção global”* (MORIN, 2000, p. 39). Evidentemente, investir em educação não é a chave para a resolução de todos os problemas da sociedade. Mas é importante destacar que o conhecimento é a base para que o indivíduo se reconheça enquanto ser que, ao nascer, está submetido a uma rede de relações de poder. Onde ele estará direta ou indiretamente envolvido e que, por isso, precisa se adaptar a esse jogo de forças sem deixar de tomar consciência de seu papel, enquanto agente atuante no meio social.

2. Conhecimento, técnica e autodestruição

Até mesmo os especialistas parecem espantados com os rumos que a produção do conhecimento humano tomou no decorrer do processo histórico. O saber que

promove melhorias também provoca grandes destruições. Ao refletir sobre esta questão, Eric Hobsbawm mais uma vez contribui ao indagar:

como a humanidade passou do homem das cavernas para o astronauta, de um tempo em que éramos assustados por tigres dente de sabre para um tempo em que somos assustados por explosões nucleares. Isto é, não estamos assustados pelos perigos da natureza mas por aqueles que nós mesmos criamos? (HOBSBAWN, 1998, p. 42).

Embora seja inegável o desenvolvimento tecnológico processado no decorrer das últimas décadas, muitos estudiosos tendem a analisar esse “progresso” de forma negativa em vários aspectos. Existe aí a “ambivalência” (MORIN, 1998, p. 16) que se faz presente no cerne da Ciência. O desenvolvimento do conhecimento técnico nas mais diferentes áreas levou a humanidade a conhecer e a dominar regiões do planeta que, até o século XV, eram inimagináveis. O domínio da natureza através da técnica permitiu grandes descobertas que trouxeram inúmeros benefícios para as populações em geral, além de permitir o aumento da produção de riqueza e de alimentos.

Porém, as vantagens oriundas do desenvolvimento do conhecimento científico não foram percebidas de forma igualitária entre os povos. O mesmo saber que levou a inúmeras mudanças positivas para algumas sociedades gerou fome, morte e aumentou as desigualdades em outras. O domínio da natureza conduziu a humanidade para um colapso global iminente provocado pelo desequilíbrio ambiental, em consequência das intervenções humanas no meio ambiente. O século XX e o modelo de racionalidade proposto nesse período revelou, de forma clara, essa ambivalência da ciência.

Além de ignorar o indivíduo, o conhecimento científico baseado nessa forma de racionalidade acabou por se transformar em uma ameaça. Pela primeira vez ao longo de sua trajetória na Terra, a humanidade viu-se ameaçada pelas suas próprias invenções: os avanços na área da Física que permitiram a produção da energia nuclear acabaram sendo empregados na fabricação das armas de destruição em massa; pesquisas na área da Biologia que deveriam contribuir para a manutenção da vida, foram contraditoriamente utilizadas em prol da destruição da natureza; as descobertas na área da Química que foram convertidas na produção de armas e de drogas pesadas abalam as estruturas de diversos núcleos familiares.

Nas ciências humanas, o cenário não era diferente. Estudos e reflexões nas áreas da Filosofia, Sociologia e até mesmo da História estiveram a serviço de ideologias que tentaram impor sua “ordem dominante” sobre diversos povos. Além disso, pesquisas da



Antropologia, Etnologia, entre outras áreas, tendem a não conseguir espaço em um mundo onde a busca por lucros e poder é priorizada em detrimento do indivíduo, que acaba tornando-se constantemente ignorado.

Todas essas conjunturas levam alguns estudiosos a avaliar o século XX como um dos períodos mais conflituosos e contraditórios da história. Contraditório, pois, a mesma Ciência aplicada para promover melhorias em diversos aspectos da vida humana, serviu como mecanismo de dominação e como instrumento de destruição de diversos povos e culturas.

Em decorrência desses fatores, Hobsbawm definiu o século XX como a “*Era dos Extremos*” (Hobsbawm, 1995). Robert Kurz observou que os conflitos e contradições desse período eram o reflexo de uma crise mundial, em que “*nunca na história da modernização [...] deu-se a situação de uma crise mundial que erigisse um tal potencial de devastação ecológica e alcançasse tanta destruição e abandono cultural até a tendência em direção a uma nova barbárie*” (KURZ, 2004, p. 11).

O termo desentendimento mútuo, proposto por Octavio Ianni, é relevante quando se trata de avaliar os grandes conflitos do século XX. Diferenças econômicas, tecnológicas e, sobretudo, culturais desencadearam confrontos violentos que levaram à morte milhares de pessoas inocentes e que fizeram a humanidade duvidar a respeito das suas perspectivas quanto ao futuro. Em resposta a essas conjunturas, as últimas décadas desse período, sobretudo a partir da eclosão da Guerra Fria, revelaram o surgimento de muitos movimentos sociais nas áreas coloniais onde as populações clamavam por liberdade e respeito com relação a sua cultura.

Embora este processo tenha levado à formação de Estados independentes no lugar das antigas colônias, o que se observou também foi a acentuação das desigualdades políticas e, principalmente, econômicas, em que “*a desigualdade de poder materializou-se em relações de dependência tecnológica e financeira que subordinaram as nações latino-americanas, asiáticas e africanas às potências industriais*” (MAGNOLI, 1995, p. 415). Ou seja, as populações nativas dessas regiões, embora independentes territorialmente, permaneceram atreladas aos interesses de estrangeiros.

Portanto, o século XX revelou que o investimento na melhoria técnica da ciência não trouxe os benefícios esperados – ao menos no que diz respeito à melhoria do próprio indivíduo enquanto ser humano. Muitos povos permaneceram na condição de

submissos às grandes potências industriais e o conhecimento pautado na ciência e na tecnologia continuam a negar a existência de outras formas de saber.

Vale lembrar que Boaventura Sousa Santos (SANTOS, 2006), ao analisar esse contexto, concluiu que a ciência e as formas de produção de conhecimento, baseadas no modelo de racionalidade ocidental, tornaram-se mercadorias e a supervalorização do conhecimento técnico permanece, quase exclusivamente, a serviço de ideologias que tentam se impor como dominantes e que desconsideram o saber dos povos tradicionais.

As intempéries do século XX revelam, portanto, a necessidade de se produzir uma forma de conhecimento que promova o que Boaventura chamou de redescoberta das “*humanidades*” (SANTOS, 2001, p. 93). Isso significa que o modelo educacional a ser construído a partir disso requer a reflexão a respeito do ser humano em suas variadas dimensões racionais, emocionais e culturais. Trata-se de resgatar o indivíduo e sua potencialidade da insignificância a que a ciência tradicional até agora o resignou.

Superar os traumas do passado (afastando os ricos de autodestruição) e promover a convivência pacífica entre os povos é, talvez, o grande desafio lançado pelas novas conjunturas apresentadas nesse início de século. A escola – enquanto instituição que aglomera um grande número de pessoas com origens e trajetórias diferenciadas – é um campo rico para que a transformação aconteça. Aí se observa a importância da reelaboração do modelo educacional e das formas de produção de saber em geral que promovam o desenvolvimento científico e que, ao mesmo tempo, levem, em consideração, a ética e a autorreflexão.

3. As novas conjunturas e os desafios da educação e da produção de conhecimento no século XXI

“Todo conhecimento emancipatório é autoconhecimento. Ele não descobre, cria” (SANTOS, 2000, p. 83). O novo milênio apresenta, como vimos, a necessidade de se produzir uma forma de conhecimento inovadora, que atenda à necessidade de renovação tecnológica e que, ao mesmo tempo, leve em conta a importância do indivíduo como agente motor da sociedade e como ser dotado de racionalidade e também de sentimento.

O século XX refletiu o aspecto negativo das transformações, onde a modernidade contribuiu para promover a mecanização do conhecimento e das ações humanas. Por outro lado, é possível perceber, no alvorecer do novo século, uma série de



mudanças positivas nos mais variados aspectos da sociedade como o desenvolvimento da tecnologia aliada à preocupação com o meio ambiente, as melhorias nos transportes e na comunicação, a aproximação entre povos diferentes. O século XXI, portanto, está situado entre as heranças negativas de um período anterior e a esperança de que o futuro supere os erros do passado.

Um modelo educacional que atenda as demandas do século XXI precisa levar em consideração não apenas a formação do indivíduo no sentido profissional. Antes, é necessário criar práticas educacionais que permitam a reflexão acerca dos valores e dos anseios do ser humano. O fenômeno da globalização, e todas as inovações tecnológicas decorrentes desse processo, devem ser percebidos como meios que tendem a contribuir nesse aspecto. A aproximação entre as culturas, promovida pelo aprimoramento dos meios de transporte e comunicação, abre espaço para que as sociedades possam refletir mais profundamente sobre seus anseios e sobre as necessidades do OUTRO.

Daí a necessidade de se criar um modelo educacional capaz de compreender as diferenças culturais e de facilitar o convívio entre grupos de origens e costumes diferentes. Além disso, permite a afirmação de identidades a partir do reconhecimento e da valorização das culturas regionais em detrimento da supervalorização das representações de mundo oriundas de outros países.

Mas, a produção de um conhecimento amplo leva em consideração esses aspectos socioculturais que precisa superar o saber fragmentado, ainda praticado atualmente. Se, o que se pretende é produzir uma nova ciência e valorizar os diferentes aspectos do ser humano, não cabe continuar praticando um conhecimento fragmentado. Se a Matemática e a História, por exemplo, estão presentes em todos os lugares o tempo todo, porque desassociá-las e limitá-las a disciplinas individualizadas? O mesmo acontece entre a Geografia e a Biologia, que nos currículos escolares, também estão divididas em disciplinas fechadas em si mesmas de forma que se torna impossível dialogar com outras áreas.

A renovação das práticas educacionais e do conhecimento científico requer, também, a aproximação entre as técnicas científicas e os saberes dos povos tradicionais. As populações indígenas, por exemplo, ao longo de sua história nos mostraram o grande conhecimento que possuem a respeito da natureza e de seus recursos. É necessário, portanto, apresentar às novas gerações as contribuições que esses povos oferecem para a ciência, a fim de compreender que temos muito a aprender a partir da partilha de ideias e experiências entre diferentes grupos culturais.

Além disso, também é fundamental a elaboração e a aplicação de novos métodos no âmbito educacional. Apropriar-se das ferramentas tecnológicas é importante, porém, requer reflexão quanto aos objetivos que se pretende alcançar. E, além disso, é necessária a preparação por parte daqueles que manuseiam essas ferramentas. Muitas instituições educacionais têm investido pesado em sua estrutura física e em seus instrumentos, mas, não têm dado o devido significado para outros aspectos da educação. Em tempos de globalização, esse tipo de prática precisa ser seriamente repensado.

Por fim, e não menos importante, as práticas educacionais e a produção de conhecimento condizente com as conjunturas atuais precisam de profissionais preparados para lidar com esse contexto. É fundamental desfazer a separação entre a figura do ‘professor’ e do ‘pesquisador’ pois o docente que permanece distante do universo acadêmico (e do campo da pesquisa) não está preparado para lidar com o processo constante de mudanças que se desenvolvem na sociedade atual.

Como vimos, a globalização promove uma aceleração constante na produção e da circulação das informações. Logo, o docente que não acompanha esse processo – e que, conseqüentemente, não domina as suas próprias ferramentas de trabalho – tende a não ter muito para oferecer a uma geração de jovens cada vez mais antenados com a modernidade e seus recursos tecnológicos.

No mundo globalizado, a formação técnica e profissional dos indivíduos é imprescindível. Mas, para que as formas de produção de conhecimento atuais possam contribuir para a superação de erros do passado, essa formação precisa ir além dos aspectos técnicos. Afinal, as experiências vivenciadas em tempos passados nos leva à necessidade de produzir um conhecimento que promova, antes de tudo, a autorreflexão.

Levar o indivíduo a refletir a respeito das suas práticas e do seu papel enquanto agente modificador da sociedade é o papel fundamental da educação intercultural. Somente a partir dessa capacidade de autorreflexão será possível conviver pacificamente com outros povos e explorar de forma consciente os recursos da natureza em benefício da sociedade como um todo.

Considerações Finais

Cultura, produção de conhecimento e globalização são termos que apresentam uma aproximação maior do que muitos imaginam. No mundo globalizado, as culturas

dialogam a partir do desenvolvimento dos meios de transporte e de comunicação. A internet, o avião e todos os recursos resultantes do desenvolvimento da ciência, abrem espaço para que haja uma troca de saberes e de experiências que tendem a ampliar o conhecimento humano a respeito do mundo e de si mesmo.

Os conflitos e as contradições do século XX revelaram a intolerância e a conversão da ciência em mecanismo de destruição da natureza e das sociedades. Teorias e pesquisas do campo científico à serviço de forças destrutivas que levaram a humanidade à beira do colapso e da autodestruição.

Diante disso, conclui-se que o grande desafio do século XXI é, portanto, produzir uma forma de conhecimento que promova a paz e que permita o diálogo entre diferentes saberes. Uma ciência que apresente práticas educacionais capazes de conciliar o conhecimento técnico e, ao mesmo tempo, de valorizar as experiências e os saberes tradicionais.

Referências

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1973; 1989.

GIDDENS, A. **Mundo em descontrolado: o que a globalização está fazendo de nós. 2ª edição**. Rio de Janeiro: Record, 2002.

GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana. 10ª edição**. Petrópolis: Vozes, 1985.

HOBSBAWN, Eric. **A era dos Extremos: o breve século XX: 1914 - 1991**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

_____. **A era dos Impérios, 1875 – 1914**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001.

_____. **Sobre História**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

IANNI, Octavio. Globalização: **Novo paradigma das ciências sociais**. Estudos avançados. vol.8 n.21 São Paulo May/Aug. 1994.

_____. **Teorias da Globalização**. Rio de Janeiro: Editora Civilização, 2002.

KURZ, Robert. **Com todo vapor ao colapso**. Juiz de Fora: Editora da UFJF/Pazulin, 2004.

MAGNOLI, Demétrio. **As origens da Guerra Fria**. In. COGGIOLA, Osvaldo. Segunda Guerra Mundial: um balanço Histórico. São Paulo: Xamã: Universidade de São Paulo. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Departamento de História, 1995.

MORIN, E. **Ciência com Consciência. 2ª edição.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

_____. Os sete saberes necessários à educação do futuro. São Paulo: Cortez, Brasília, DF: UNESCO, 2000.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A crítica da razão indolente contra o desperdício da experiência.** São Paulo: Cortez, 2000.

_____. de Sousa. **A Gramática do tempo: para uma nova cultura política.** São Paulo, Porto: Cortez, Afrontamento, 2006.

_____. de Sousa. **Para um novo senso comum: ciência, o direito e a política na transição paradigmática.** 3ª edição. São Paulo: Cortez, 2001.

WEBER, Max. **A ética protestante e o “espírito” do capitalismo.** São Paulo: Companhia das Letras, 2004.